REPRESENTAÇÕES DA SURDEZ NO JORNAL VISUAL MINAS

FIGUEIREDO, Ivan Vasconcelos
Doutorando
UFMG
ivanfigueiredo@gmail.com

RESUMO

O estudo tem o intuito de discutir o processo de representação da surdez nos dizeres do Jornal Visual Minas, da Rede Minas de Televisão, a partir de uma perspectiva que considera o discurso enquanto prática social. A análise de notícias e reportagens do telejornal busca evidenciar que os discursos resgatam e (re) apropriam saberes que nomeiam a surdez a partir de diversos dizeres oriundos de diferentes práticas sociais, que podem abarcar o campo da medicina ou da antropologia, por exemplo. Cada prática social reinscreve o objeto surdez em diferentes práticas discursivas e, dessa forma, redefine e reposiciona os sujeitos sob essas diferentes ordens de discurso. As representações sociais refletem, assim, as relações de poder social, na qual esses dizeres estão inseridos. O Jornal Visual Minas, pertencente ao campo jornalístico, possui um lugar privilegiado no campo de disputas discursivas, tendo o poder de proferir dizeres capazes de influenciar na formação de um ideário a respeito dos surdos, resgatando traços de crenças e valores advindos de outros discursos, o que ajuda a reforçar, refletir e reproduzir as relações de força estabelecidas entre certos grupos sociais.

Palavras-chave: Discurso. Representações sociais. Surdez. Telejornalismo. Língua de sinais

1 INTRODUÇÃO

O artigo pretende analisar as representações sociais da surdez no Jornal Visual Minas, da Rede Minas de Televisão, com base nas concepções de Michel Foucault (1997) e Norman Fairclough (2001) sobre o discurso, entendido como prática social, o que implica em relações de poder.

Nessa perspectiva, todo dizer não é livre, sendo influenciado e carregando traços de outros dizeres circundantes. Durante o fazer linguístico existem interferências sócio-históricas e culturais. A produção de sentidos do discurso é, assim, significada a partir de significados historicamente construídos.

O discurso é compreendido como constituído de inúmeros enunciados que concorrem entre si para construir e posicionar os sujeitos, produzindo diferentes efeitos em cada um dos indivíduos. Ele constrói significados, valores, crenças e emerge de visões particulares, de modos de agir e de pensar sobre o mundo.

É a partir dos discursos, encarados em seu contexto sócio-histórico, que são determinadas as representações da realidade, compreendidas aqui em um sentido discursivo, o que leva ao entendimento de que são manifestações de elementos históricos e sociais que ocorrem através do dizer.

2 JORNAL VISUAL MINAS

O programa é um diferencial no telejornalismo mineiro por ser o único do Estado que se propõe a informar os surdos de Minas Gerais através da Língua Brasileira de Sinais (Libras). De segunda-feira a sábado, o Jornal Visual Minas (JVM) traduz notícias e reportagens locais e regionais produzidas em outros telejornais da Rede Minas de Televisão.

A preferência do JVM é pelas informações não factuais, devido à necessidade do programa ser gravado para se procurar um melhor processo de tradução para Libras. Segundo a atual editora-chefe, Maria Glória Metzer,

> O JV [Jornal Visual] sempre foi montado com reportagens já veiculadas nos demais telejornais da casa, pelo fato de ser gravado, em função do uso da Libras. Além de não possuir equipes específicas, procuramos informar ao deficiente auditivo com a linguagem de sinais,

> sobre assuntos que ele possa ter visto nos outros telejornais, mas não pôde entender. Naturalmente, evitamos matérias que exploram música, sobe-sons, que não podem ser traduzidos na linguagem de sinais. Mantemos sob-sons curtos nos finais de algumas matérias por questões técnicas (METZER, 2008).

O critério para o reaproveitamento e tratamento das matérias gravadas é a atualidade. De acordo com Metzer, "buscamos ser mais atuais, com as gravações sendo feitas com um dia de antecedência. Parece que está ficando melhor. A julgar pela opinião de alguns telespectadores que telefonam ou mandam e-mails" (METZER, 2008).

A editora esclarece ainda que "se [uma reportagem sobre] um pé de couve gigante, por exemplo, pode ser guardada para mais tarde, damos a preferência a outro assunto que precisa ser veiculado o mais rápido possível, porque pode perder a atualidade" (METZER, 2008).

As notícias mais atuais, relacionadas à surdez e não produzidas nos demais telejornais, são dadas em notas secas, narradas sem imagens de ilustração. A especificidade do programa está em dividir a tela entre as imagens da reportagem e as traduções realizadas pela intérprete em Língua Portuguesa/Libras. A narrativa através do som, no entanto, não deixa de ser veiculada, permitindo que surdos e não-surdos compartilhem o mesmo ambiente de recepção das notícias televisivas.

A estrutura textual da notícia segue a ordem usualmente empregada em outros telejornais brasileiros. As partes mais relevantes do acontecimento em primeiro plano, norteadas pelas questões: o que, quem, quando, onde, como e porquê. Conforme Roldão (1982),

> a linguagem do telejornalismo procura buscar, nas falas cotidianas da população, expressões que dêem ao texto da notícia o caráter de linguagem falada. Entretanto, é inadequado usar, simplesmente, a expressão "coloquial" para designar o texto que é produzido no telejornalismo. De acordo com William Bonner: "o que nós buscamos é aproximar a nossa linguagem daquela linguagem falada, mais natural possível, no entanto com respeito à norma culta e sem transigir em algumas questões de regência, por exemplo, que seriam recomendadas por quem falasse coloquialmente" (ROLDÃO, 1982, p. 59).

3 A PROBLEMÁTICA DA SURDEZ

O que se crê e se idealiza sobre a surdez flutua por entre as significações históricas, linguísticas, políticas e sociais. Antes de ser uma questão biológica, social ou política, a surdez é um campo discursivo, em que se confrontam valores, crenças e ideologias, um território perpassado por diversas e distintas representações sociais.

Os traços biológicos, como cor da pele ou a surdez, não carregam, em si mesmos, valor natural algum. Eles não carregam quaisquer sentidos ou valores

intrínsecos (SKLIAR; SOUZA, 2007, p. 8).

A problemática se instaura no momento que essas diferenças, esses traços biológicos, passam a receber significados a partir de efeitos de relações históricas e políticas que estão articulados nas sociedades, nas quais estas marcas de diferenças estão presentes.

> Marcas que se tornam os significantes daquelas relações e que fazem aparecer no mundo branco/ no mundo ouvinte/ no mundo vidente, etc. algo que talvez não pudesse se mostrar sem a presença do negro, do surdo ou do cego. A questão não se confunde, pois, com a mera oposição entre raças ou minorias. O que os movimentos anti-racistas repelem, sejam patrocinados por negros, surdos ou por qualquer outro grupo humano, são as práticas morais e políticas de um determinado grupo sobre eles, seu etnocentrismo e suas atitudes arrogantemente generosas ou invasivas (SKLIAR; SOUZA, 2007, p. 8).

A surdez, enquanto campo discursivo, é imbricada por múltiplos e distintos dizeres que se influenciam mutuamente. Ela está presente na esfera social e, como tal, transita, flutua, por territórios intermediários não presentes nos modelos previstos pelos campos majoritários de produção de sentidos a respeito da surdez, como a medicina, a educação, a antropologia.

Como observa Carlos Skliar (2005), o problema com relação à surdez está justamente no modo como são formadas as representações sociais, em como os sujeitos se apóiam na teia discursiva para construírem visões e concepções, em quais dizeres se apóiam para determinar uma noção sobre a surdez.

Nessa teia discursiva, os meios de comunicação podem auxiliar na difusão de representações sociais na sociedade. As informações trazidas pelo telejornalismo, por exemplo, servem como base de aprendizado e (re) significação da experiência cotidiana. Os sentidos produzidos, a partir de acontecimentos retratados, podem se tornar referenciais para construções de visões de mundo por parte do telespectador, além de instrumentos para o contato com realidades que os sujeitos podem, por vezes, não conhecer. Ao ligar o televisor, as pessoas buscam sentidos para a realidade que as cerca.

O Jornal Visual Minas, assim como os demais meios jornalísticos, mediatiza os conhecimentos dados em setores sociais que não estão acessíveis a todos, como, por exemplo, a Academia. Esses meios têm a oportunidade de entrar em contato com os saberes científicos e transformá-los em um novo dizer, capaz de circular por todos os campos sociais.

Contudo, durante o processo de re-dizer, existe o filtro, a seleção e adaptação às convicções e perspectivas do meio de comunicação, além da incorporação de visões

particulares do veículo.

O meio jornalístico tem a possibilidade de emitir dizeres distintos e contrastantes, dependendo da posição assumida no ato locutório e das influências que os discursos circundantes podem trazer.

O discurso trazido no texto jornalístico pode se aproximar do campo da medicina para enunciar um posicionamento acerca da surdez em uma notícia, em outro momento, tomar a posição prevista para antropologia.

Um novo dizer é apresentado, pautado em outros discursos, mas que não deixa de tentar imprimir o sentido proposto pelo meio. Visões e convicções sobre a surdez são (re) construídas e ganham, assim, a esfera social.

As representações sociais sobre a surdez são, desse modo, criadas e legitimadas a partir da apresentação de notícias que incorporam e (re) significam noções provindas de outros campos de saber.

As notícias veiculadas ofertam a possibilidade de perpetuação de discursos que podem ser entendidos como naturais ao indivíduo, o que não determina uma recepção passiva das mensagens.

4 OS DIZERES DO JORNAL VISUAL MINAS A RESPEITO DA SURDEZ

No período de 11 a 15 de fevereiro de 2008, de segunda a sexta-feira, o Jornal Visual Minas exibiu 19 notícias e reportagens, entre conteúdos não factuais e notas secas com informações mais atualizadas. O foco das análises ateve-se a quatro dessas matérias, as quais fazem referência à surdez, à cultura surda, à língua de sinais e/ou aos surdos.

A primeira reportagem, reaproveitada de outro telejornal da emissora, apresenta um breve panorama do mercado de trabalho para pessoas com diferença sensorial. O dia a dia e as funções desempenhadas por essas pessoas são mostrados a partir de depoimentos de surdos, cegos, indivíduos com diferença motora e empregadores. O exercício profissional dos surdos é ilustrado através dos dizeres do faxineiro Marcelo Dias.

A entrevista dá visibilidade e espaço para o depoimento de um surdo atuante no mercado de trabalho, o que não ocorre regularmente nos telejornais brasileiros. No entanto, a forma de o repórter abordar o entrevistado e o texto jornalístico veiculado refletem como as representações sociais sobre a surdez estão presentes na esfera social e podem influenciar a visão que se tem a respeito da diferença na sociedade.

Durante o "off", momento em que o repórter introduz a entrevista, ele descreve:

> Marcelo é portador de deficiência auditiva. Está há oito meses no

> emprego. Todos os dias ele é responsável por deixar tudo bem limpinho nesse hospital em Belo Horizonte (JORNAL VISUAL MINAS, 2008a).

O telejornal denomina o entrevistado, Marcelo Dias, como "portador de deficiência auditiva", associando a surdez a um dano de má formação. Ser surdo adquire uma percepção pejorativa, de algo indesejado, a ser combatido e corrigido. Há um resgate de discursos históricos e sociais a respeito da surdez enquanto doença, em um processo de rejeição do outro "desviante".

A construção desse enunciado sobre a surdez demonstra o que o telejornal, para proferir seu discurso, se respalda em dizeres de campos reconhecidos e que, ao passarem pelo jogo discursivo, perpetuaram alguns de seus traços, sendo estes re-significados a seu tempo.

Na reportagem, há um conflito de vozes entre os campos de saber reconhecidos, tais como a medicina, a antropologia e a educação. O Jornal Visual Minas assume um lugar de entremeio, apresentando a necessidade de se incluir as pessoas na sociedade e uma visão normativa, corretiva, da surdez.

O telejornal, por um lado, procura incluir os surdos, como se pode perceber nos enunciados, ao buscar retratar a prática profissional dos surdos e pessoas com diferença sensorial em geral e, por outro, resgata e apropria de traços de discursos da prática médico-terapêutica de erradicação da doença.

O telejornal representa o surdo como "portador de deficiência auditiva", além de trazer um sentido diminutivo ao trabalho realizado por pessoas com diferença sensorial, como no trecho "ele é responsável por deixar tudo bem limpinho".

A validação dos dizeres do surdo, para os referenciais estabelecidos pelo telejornal, ocorre "somente" se ele reproduzir o modelo ouvinte durante a entrevista. O repórter direciona o microfone para a captação dos dizeres de Marcelo Dias. É através da oralidade, tentativa de emitir sons articulados, e não através da língua de sinais, que Marcelo descreve as atividades que realiza no ambiente de trabalho. "Duas escadas. Depois é o vidro. A outra portaria. Varrer" (JORNAL VISUAL MINAS, 2008a).

Como atenta Foucault (1998), para que o dizer se constitua, precisa passar por uma disputa que envolve relações de poder. Esse dizer, no entanto, sofre a atuação de mecanismos de controle: não é todo mundo que pode dizer tudo, de qualquer posição e em qualquer lugar. Com isso, há um posicionamento privilegiado nesse embate discurso para os detentores do poder que se utilizam dos mecanismos de controle discursivo.

As representações trazidas pelo telejornal ressaltam traços de crenças e ideologias presentes na esfera social, os quais representam o surdo a partir de referenciais pautados em traços biológicos.

A surdez é relacionada a um "ouvido doente", responsável por restringir as ações e a convivência dentro de uma sociedade marcada pela comunicação oral-auditiva. Para fazer parte dessa sociedade, o surdo deveria se "esforçar" para falar (emitir sons), escutar e agir a partir dos modelos implementados pelos considerados "normais".

Essa perspectiva é reforçada na passagem do repórter Carlos Augusto Soares. A condição de exercício profissional das pessoas com diferença sensorial é decorrente de imposição da legislação brasileira vigente e não de quebra de ideários e estigmas majoritários presentes na sociedade.

> Inclusão que está diretamente associada ao crescimento das empresas nos últimos anos. Como elas aumentaram o quadro de funcionários, passaram a empregar também um número maior de pessoas com deficiência, como determina a lei que garante a inclusão (JORNAL VISUAL MINAS, 2008a).

Dentro do Jornal Visual Minas, outras posições sobre a surdez são assumidas, como na nota seca a respeito de competições nacionais e internacionais para atletas surdos brasileiros apresenta uma outra perspectiva.

A nota resgata traços de discursos voltados para o reconhecimento da existência da cultura surda, das especificidades da comunicação por sinais. Há uma tentativa de aproximação com o universo dos surdos e da surdez.

> O ano de 2008 começou cheio de novidades para os atletas surdos brasileiros. A partir desse ano, eles poderão participar de jogos mundiais. A primeira competição internacional prevista é o Campeonato Mundial de Artes Marciais, em Toulouse, na França. E que começa no dia 21 de maio.
>
> Mas antes, aqui em Belo Horizonte, no mês de março, será realizada a primeira Copa Minas/São Paulo de Futsal.
>
> E vem mais atividade esportiva por aí. A gente vai informar tudo para você. É só aguardar (JORNAL VISUAL MINAS, 2008b).

Desloca-se, parcialmente, a visão da surdez com base em padrões normativos, de práticas curativas, como ocorre na primeira matéria. A prática esportiva passa a ser apresentada como um possível canal de integração social.

Contudo, no momento em que as ações dos surdos ganham destaque e passam a ser reconhecidas e valorizadas no telejornal, demonstram-se como os discursos do campo da medicina atravessam os referenciais construídos no telejornal.

As "alternativas" dadas aos surdos para a inclusão social ocorrem pelo esporte e não pela educação, pelo desempenho de atividades inseridas nas potencialidades e especificidades comunicativas e culturais.

Os telespectadores surdos do Jornal Visual Minas ficam diante de duas "formas para inclusão social", pautadas em perspectivas que associam a surdez à deficiência: atuar profissionalmente em funções adaptadas para os surdos e/ou ser atleta "especial".

A falta de uma estrutura adequada para a produção do telejornal fica evidente, quando se considera a possibilidade de aprofundar o conteúdo dado na nota seca em uma reportagem, com entrevistas e depoimentos, em língua de sinais, dos atletas que irão participar das competições, por exemplo.

O reconhecimento das diferenças se coloca como uma atitude política que vai além de oferecer espaço e dar visibilidade aos surdos dentro do Jornal Visual Minas. É garantir também o direito de fazer parte da "ordem do discurso televisivo", dos surdos poderem pronunciar seus dizeres e pontos de vista.

Outra nota seca apresenta uma mudança na perspectiva de integração social. A nota relata o início das inscrições para os não-surdos aprenderem a Libras.

> A Libras (Língua Brasileira de Sinais) é um dos principais instrumentos de inclusão do deficiente auditivo. Reconhecida pelo Ministério da Educação como um recurso fundamental, a Libras é uma alternativa de trabalho e de renda. Se você se interessa em aprender a linguagem de sinais, a Organização Não-governamental Crepúsculo vai oferecer um curso em dois **módulos**, a partir de março. O primeiro módulo, às segundas e quartas, de sete às nove da noite. Ou aos sábados, de uma às cinco da tarde. O segundo módulo somente aos sábados, no mesmo horário. O preço do curso é de R$300, em cinco parcelas de R$60. A taxa de matrícula é de R$20. Outras informações pelos telefones 3225-0040 e 3223-1146. Você pode também mandar um e-mail. O endereço é crepusculobh@yahoo.com.br ou crepusculobh@click21.com.br (JORNAL VISUAL MINAS, 2008b).

O recorte ressalta o reconhecimento da comunicação espaço-visual como um dos principais vieses para a integração social dos surdos: os surdos não devem mais se adaptarem à sociedade marcada majoritariamente pela comunicação oral-auditiva.

Os enunciados "a Libras é uma alternativa de trabalho e renda" e "se você se interessa em aprender a linguagem de sinais" evidenciam o público-alvo do curso: os não-surdos. O telejornal busca, assim, incentivar e estimular a participação dos ouvintes para o aprendizado da Libras.

A lógica das práticas de inclusão social é invertida. Cabem aos pertencentes dos grupos majoritários se adaptarem às especificidades dos minoritários. Os não-surdos começam a aprender a língua de sinais para comunicar e conviver com os surdos, propiciando o reconhecimento e o respeito pelas diferenças presentes na sociedade.

A última reportagem retrata a mudança de endereço do Instituto Municipal de

Administração e Ciências Contábeis (Imaco), de Belo Horizonte/MG. A matéria foi reaproveitada pelo Jornal Visual Minas e traduzida para a Libras.

Apesar de ser uma escola voltada para ouvintes, o Imaco é frequentado por muitos surdos devido a um projeto de inclusão social baseado em padrões e estruturas curriculares educativas desenvolvidas para não-surdos.

A reportagem traz depoimentos de estudantes sobre a alteração na localidade do Imaco e as novas dependências e salas de aula. Os surdos, apesar de serem parte dos alunos, não são entrevistados.

Perpetua-se a concepção de negação de existência do Outro, do diferente, respaldada no entendimento da oralidade como única forma de comunicar dentro da sociedade.

Essa percepção é refletida também nas estruturas dos telejornais, por exemplo, nas entrevistas e depoimentos que não permitem a comunicação espaço-visual, mesmo dentro de um programa informativo voltado para surdos.

Carlos Skliar e Regina Maria de Souza observam que

> O mundo contemporâneo tem construído, nesse sentido, várias estratégias de regulação e controle da alteridade que, somente no início, podem parecer sutis variações de uma mesma narrativa. Entre elas: a demonização do outro, a sua transformação em sujeito "ausente", quer dizer, a ausência de diferenças ao se pensar a cultura; a delimitação e limitação das suas perturbações; a sua invenção, para que os outros dependam das traduções "oficiais"; a permanente e perversa localização do lado do fora e do lado do dentro dos discursos e práticas institucionais estabelecidas, vigiando permanentemente as fronteiras; a sua oposição a totalidades da normalidade através da lógica binária; sua imersão no estereótipo; a sua produção e utilização, para assegurar e garantir as identidades fixas, centradas, homogêneas, estáveis (SKLIAR; SOUZA, 2007, p. 2-3).

Os enunciados analisados ressaltam a existência de uma série de regularidades discursivas nos textos jornalísticos veiculados, presentes tanto nas notas secas/notícias/reportagens específicas sobre a temática surdez quanto em assuntos, "aparentemente", não diretamente relacionados.

Esses textos ligam-se entre si, como em uma rede, demonstrando que existem alguns pontos em comum no dizer do Jornal Visual Minas sobre a surdez, cooperando no estabelecimento de sentidos a serem extraídos.

Esses sentidos associam-se à visão médico-terapêutica e podem propiciar práticas de controle social e de manutenção de determinados padrões da ordem, como a necessidade de normalização dos sujeitos surdos.

Para Skliar e Souza (2007), a surdez, enquanto diferença política a ser reconhecida, exige o esforço de inverter a lógica de problematização e de produção de

sentidos.

> Aproximar-se da surdez a partir dessa mirada, nos leva a problematizar o significado da normalidade ouvinte. Em outras palavras nos leva a inverter o problema: em vez de se entender a surdez como uma exclusão e um isolamento no mundo do silêncio, defini-la como uma experiência visual; em vez de representá-la através de discursos médicos e terapêuticos, quebrar essa tradição por meio de concepções sociais, lingüísticas e antropológicas; em vez de submeter aos surdos a uma etiqueta de deficientes da linguagem, compreendê-los como formando parte de uma minoria lingüística; em vez de afirmar que são deficientes, dizer que estão localizados e são produzidos no discurso da deficiência.
>
> De um lado estariam as formas de narrar aos surdos por parte dos ouvintes, e de outro lado as narrativas dos surdos sobre eles mesmos. Dar lugar a as narrações surdas sobre a surdez constitui, dessa forma, um processo de desouvintização[1]. O processo de desouvintização mencionado supõe, entre outras coisas, uma desmistificação das narrativas ouvintes hegemônicas sobre a língua de sinais, a comunidade e as produções culturais dos surdos (SKLIAR; SOUZA, 2007, p. 13).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações voltadas a um público de surdos têm o poder de criar sensos de representatividade e identificação, em que as resistências aos discursos preponderantes sobre quem é o sujeito surdo se colocam como condições de possibilidades para outros sensos de identificação se confrontarem.

O acesso e conhecimento das notícias que transmitem representações dos fatos cotidianos podem auxiliar na sensação de pertencimento à sociedade, bem como no desenvolvimento individual, social e cultural do surdo.

As noções de realidade veiculadas pela TV podem servir, ainda, como parâmetros para a construção de visões críticas da sociedade e para o exercício de determinada ação sobre a sociedade.

As representações sociais do Jornal Visual Minas chegam à esfera social através das pequenas narrativas, as notícias, que circulam na sociedade, criando e legitimando concepções.

Ao transmitir perspectivas de acontecimentos aos surdos, um telejornal em língua de sinais, como o Jornal Visual Minas, pode influenciar no modo como o surdo vê-se, identifica-se, e vivencia experiências na sociedade da qual faz parte.

No momento em que os surdos passam a se enxergar de modo diferente, representam-se distintamente dos discursos preponderantes sobre a surdez, as percepções sobre a surdez e os surdos que circulam no campo social sofrem influências e podem se alterar.

Os recortes analisados ressaltam que o Jornal Visual Minas assume uma posição de entremeio ao representar a surdez, na qual a tentativa de estabelecer um outro

olhar sobre a diferença é atravessada pela perspectiva da correção do ouvido doente e de denegrir a existência do outro.

As representações produzidas no telejornal trazem uma "sensibilização" voltada para a necessidade de auxílio do sujeito doente, incapaz de fazer parte da sociedade por não conseguir se comunicar pela oralidade, assim como, "superestimação", em que o surdo é capaz de realizar "normalmente" as tarefas mais comuns do dia a dia, como trabalhar, praticar esportes, apesar da "deficiência".

Os dizeres do Jornal Visual Minas, assim como os demais discursos, constituem-se como práticas sociais, acarretando em relações de poder. Esses discursos são produzidos a partir da atuação dos indivíduos na produção de significados e das relações sociais. Os sujeitos ganham identidade social, são representados, através de diversos significados, valores e crenças que circulam na sociedade.

A análise dos conteúdos informativos difundidos pelo programa evidencia como esses discursos se apropriam de dizeres advindos do campo da medicina, pedagogia e antropologia, por exemplo.

O dizer do telejornal acessa os saberes instituídos e os transforma em um re-dizer no formato de notícia, acarretando em uma noção de "autoridade" para falar a respeito da surdez, o que leva ao entendimento de que as suas representações são verdadeiras. A sua legitimidade ocorre por esse respaldo no campo científico.

A noção de autoridade é obtida pelo reconhecimento da existência de uma sociedade do discurso na perspectiva de Foucault, que limita e coíbe a produção de sentidos. Há um privilégio de quem pode enunciar, o que e a quem, e de que lugar.

Ao fazer circular o discurso pela sociedade, possibilita-se a execução do poder de engendrar representações sobre os mais variados sujeitos. A partir dessas representações, surgem as manipulações e interferências do poder no controle social.

As notícias contribuem para a formação de um ideário que comporta todos os indivíduos e culturas, encobrindo práticas e ações que não condizem com a acepção de diferença, bem como de integração social dos sujeitos considerados à margem. Além disso, ajudam a sustentar relações de força estabelecidas entre certos grupos sociais.

A tradução de notícias para a Libras reflete a lógica da "ordem do discurso do meio televisivo": fala-se pelo e para o surdo, mas não são modificadas as estruturas e relações de poder sobre os saberes.

Por meio de ações que consideram as diferenças através do respeito pela diversidade, são obscurecidas práticas "ouvintistas" que ainda negam a existência plena do diferente.

Na "ordem do discurso televisivo", os surdos ainda não estão autorizados a

proferirem seus dizeres e não podem participar das instâncias restritas de produção de discursos na sociedade.

A veiculação de conteúdos informativos traduzidos para surdos mascara, desse modo, práticas de controle e poder sobre os dizeres dos surdos.

O discurso do telejornal não se configura como uma simples ideia veiculada, um conhecimento objetivo, transparente e isento. Seu poder refletido no discurso dá forma a práticas de controle social, na medida em que compactua com normas de conduta constitutivas de um projeto "normalizador" das relações sociais proveniente do campo da medicina.

O retrato dos "desviantes" (nesse caso, os surdos) implementa uma visão carregada de crenças e valores que apontam para a necessidade de correção do sujeito surdo.

A problemática com relação à surdez está, justamente, no modo como são formadas as representações. Os enunciados do Jornal Visual Minas, presentes neste estudo, revelam uma abordagem que fortalece o posicionamento da surdez encarada ainda como doença.

Apesar dos esforços dos estudos antropológicos e educacionais para uma mudança de visão acerca da surdez, o discurso médico ainda está presente nas representações que circulam pela esfera social através do telejornal.

É um equívoco, contudo, pensar que campos de saber reconhecidos são os únicos responsáveis pela construção de representações sociais acerca da surdez e que os meios de comunicação propagam essas visões e incorporam valores e crenças na audiência. No processo de recepção dos dizeres do telejornal, existe o filtro e a seleção por parte do receptor.

O processo de desconstrução de representações majoritárias sobre a surdez se coloca como esforço necessário para os produtores dos campos de saber instituídos e os responsáveis por transformarem esses saberes em notícias para a sociedade em geral.

Essa ação deve ser associada a um movimento de aceitação, abertura e reconhecimento da surdez dentro da sociedade. Devem ser oferecidas possibilidades para os próprios surdos se representarem, assim como poderem participar das instâncias produtoras de saber e de conteúdos midiáticos.

DEAFNESS REPRESENTATIONS IN THE JORNAL VISUAL MINAS

ABSTRACT

The paper aims to discuss the representation process of deafness in the Jornal Visual Minas´ discourses, from a

perspective that considers the speech as a social practice. Television news analysis show that discourses rescue and (re) appropriating knowledge that appoint deafness from various sayings at different social practices, which may encompass the field of medicine or anthropology, for example. Every social practice restores the object deafness in different discursive practices and thus redefines and repositions the subjects under these different orders of discourse. Social representations thus reflect social power relations in which these words are inserted. The Jornal Visual Minas, belonging at journalistic field, has a special place in the discursive field of disputes, with the power of uttering words that can influence the formation of ideas about the deaf, rescuing the beliefs and values arising from other discourses, which helps to enhance, reflect and reproduce the power relations established between certain social groups.

Keywords: Discourse. Social Representations. Deafness. Journalism. Sign Language.

REPRESENTACIONES DE LA SORDERA EN JORNAL VISUAL MINAS

RESUMEN

El estudio objetiva discutir el proceso de representación de la sordera en las palabras del Jornal Visual Minas, Rede Minas de Televisión, en una perspectiva que considera el discurso como una práctica social. El análisis de los informes de prensa y noticias de la televisión muestran que la búsqueda y rescate de los discursos (re) apropiación del conocimiento se nombra a la sordera de palabras diferentes de las diferentes prácticas sociales, que puede abarcar el campo de la medicina o la antropología, por ejemplo. Cada restaura la práctica social de la sordera objeto en diferentes prácticas discursivas y por lo tanto una nueva definición de los temas que se reposiciona estos diferentes órdenes de discurso. Las representaciones sociales son reflejo las relaciones sociales de poder en que estas palabras se insertan. El Jornal Visual Minas, propiedad del campo periodístico, tiene un lugar privilegiado en el campo discursivo de las controversias, con el poder de pronunciar palabras que pueden influir en la formación de las ideas acerca de los sordos, rescatar a las creencias y valores que surgen de otros discursos, que ayuda a mejorar, reflejan y reproducen las relaciones de poder establecidas entre ciertos grupos sociales.

Palabras claves: Discurso. Representaciones Sociales. Sordera. Periodismo. Lengua de Signos.

REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

JORNAL VISUAL MINAS. Belo Horizonte: Rede Minas de Televisão, 11 fev. 2008a. Programa de TV.

JORNAL VISUAL MINAS. Belo Horizonte: Rede Minas de Televisão, 14 fev. 2008b. Programa de TV.

METZER, M.G. Entrevista concedida à Ivan Vasconcelos Figueiredo. Depoimento por correio eletrônico [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <ivanfigueiredo@gmail.com> em 21 mar. 2008.

ROLDÃO, I.C.C. Que linguagem é essa? Um estudo da linguagem oral em três dos principais telejornais brasileiros. **Comunicarte**, v. 1, n.1, Campinas, 1982.

SKLIAR, C. Bilingüismo e biculturalismo. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: n.8, maio/ago. 1998, p. 44-57.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SKLIAR, C.; SOUZA, R.M. **O debate sobre as diferenças e os caminhos para se (re)pensar a educação**. Disponível em: <http://virtual.udesc.br/Midiateca/Publicacoes_Educacao_de_Surdos/artigo09.doc>. Acesso em: 14 dez. 2007.

[1] "Desouvintizar", "ouvintismo", ouvintização", são neologismos criados por Skliar (1998) com o intuito de descrever as práticas colonialistas dos ouvintes que fazem que os surdos sejam obrigados a narrar-se, julgar-se e pensar-se como se fossem ouvintes. É nessa prática, justamente, onde muitos surdos se vêem a si mesmos, por exemplo, como deficientes, incompletos, pseudo-ouvintes.

Copyright (c) 2011 Autor(es) / Copyright (c) 2011 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal. Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.